

A significação da violência em narrativas de adolescentes moradores da favela

The meaning of violence in the narratives of teenagers from poor communities

El significado de la violencia en narrativas de adolescentes habitantes de favelas

RESUMO

O estudo objetiva investigar, à luz da Análise da Narrativa, a forma como um grupo de adolescentes, moradores de favelas do Rio de Janeiro, significa, no discurso narrativo, a violência no contexto social onde vivem. Para tal, serão utilizadas as teorias de sistemas de coerência e identidades sociais. A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista. Os dados foram gerados a partir de entrevistas em grupo e a análise privilegia uma abordagem microinteracional e situada do discurso. A partir do exame dos dados, foi possível notar a forma ambígua com que a violência é construída pelos sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: narrativas; sistemas de coerência; identidade; favela; violência.



Recebido em: 26 de fevereiro de 2023
Aceito em: 22 de abril de 2023
DOI: 10.26512/les.v24i2.47318

CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Paula Fernandes Teixeira

paulaf.teixeira@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-1548-5384>

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ARTIGO

ABSTRACT

This paper aims to investigate, in the light of the Narrative Analysis, the way a group of teenagers from poor communities of Rio de Janeiro signifies, in the narrative discourse, violence in the social context where they live – the favela. To this end, the theories of coherence systems and social identities will be taken into account. The study is of a qualitative and interpretative nature. The data were generated by means of group interviews and the analysis focus on a micro-interactional and situated approach to the discourse. The results show that the way they represent violence is marked by ambiguities.

Keywords: narratives; coherence systems; identity; favela; violence.

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo investigar, a la luz del Análisis Narrativo, cómo un grupo de adolescentes, habitantes de favelas de Río de Janeiro, significa la violencia en el contexto social donde viven. Para ello, se utilizarán las teorías de sistemas de coherencia e identidades sociales. La investigación es de naturaleza cualitativa e interpretativa. Los datos se generaron a partir de entrevistas grupales y el análisis favorece un enfoque microinteraccional y situado del discurso. A partir del examen de los datos, fue posible notar la forma ambigua en la que la violencia es construida por los sujetos de la pesquisa.

Palabras clave: narrativas; sistemas de coherencia; identidad; favela; violencia.

Como citar:

TEIXEIRA, Paula Fernandes. A significação da violência em narrativas de adolescentes moradores da favela. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 269-288, jul./dez. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i2.47318. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal

Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)..



INTRODUÇÃO

Vivemos hoje na era pós-moderna, à qual Bauman (2005) refere-se como modernidade líquida, uma vez que a compreensão que temos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor encontra-se em constante fluxo. Essa “trama movente” (Fabrício, 2006), que abarca as intensas mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas experienciadas pela sociedade pós-moderna tem afetado a maneira como determinados fatos sociais são compreendidos, tanto pelos cientistas como pelos atores sociais (Moita Lopes, 2003).

Nesse viés, a área dos estudos da linguagem, como parte integrante das ciências sociais, vem buscando entender e interpretar os sentidos construídos discursivamente pelos sujeitos sociais, principalmente através de microanálises etnográficas (Bastos; Biar, 2015; Rampton, 2006). Assim, o presente estudo visa a analisar discursivamente os significados que os atores sociais participantes desta pesquisa – adolescentes, entre 15 e 18 anos, estudantes da rede pública de ensino e moradores de comunidades periféricas da Ilha do Governador, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro – atribuem aos fatos sociais que os cercam, especialmente à violência no contexto social no qual estão inseridos (Lessing, 2008; Misse, 2008; Sarti, 2011; Velho, 2004; Zaluar, 1999).

Fundamentado na Linguística Interacional e no paradigma socioconstrucionista e interpretativista de pesquisa, este trabalho discutirá sobre as noções de identidade (Bauman, 2005; Bucholtz; Hall, 1996; Moita Lopes, 2002, 2003; Moita Lopes; Bastos, 2010), sistemas de coerência (Linde, 1993) e Análise da Narrativa (Bastos, 2004, 2005; Bamberg; Georgakopoulou, 2008; Bruner, 1990; Labov, 1972; Mishler, 1986). Juntas, essas áreas comporão o aporte teórico-metodológico necessário para a condução desta pesquisa.

Com base nas teorias supramencionadas e em alinhamento ao postulado por Fabrício e Bastos (2009, p. 40): “práticas discursivas, práticas identitárias e mundo social se encontram entrelaçados”, o presente estudo tem como objetivo: a) entender quais significados são coconstruídos e negociados pelos participantes, por meio de suas narrativas, e o que eles indicam sobre as identidades sociais do grupo; b) entender, levando em consideração o sistema de coerência especializado sob o qual operam, materializado no discurso narrativo, os significados atribuídos pelos sujeitos de pesquisa à violência na favela.

Discutiremos, inicialmente, importantes aspectos relativos aos significados atribuídos à pobreza e à violência na favela. Na seção seguinte, abordaremos em mais detalhes as teorias que compõem o aporte teórico-metodológico deste trabalho. Na sequência, apresentaremos a metodologia utilizada para coleta e análise dos dados, assim como o contexto da pesquisa. Em seguida, será conduzida a análise dos dados, atrelada às teorias e estudos da área de interesse da pesquisa. Na última seção, será apresentada a conclusão e considerações finais sobre o estudo.

1. A SIGNIFICAÇÃO DA POBREZA

Segundo Sarti (2011), a definição de pobreza é algo relativo, de forma que “qualquer tentativa de confiná-la a um único eixo de classificação, ou a um único registro, reduz seu significado social e simbólico” (2011, p. 42). Ou seja, partindo do princípio de que a realidade social é simbolicamente construída no discurso, pode-se afirmar, então, que a pobreza, assim como todo objeto social, só pode ser compreendida por meio da significação daqueles que a vivem. Notar-se-á, nos dados desta pesquisa, que os participantes não se autointitulam pobres, mas se reconhecem como estando em situação de vulnerabilidade social. Então, embora eles não utilizem explicitamente a classificação pobre, entendo que eles se reconhecem como tal, razão pela qual esse termo será adotado no presente trabalho.

Ainda no que tange à compreensão do que é ser pobre, ressalta-se também que definições simplistas, por vezes, beiram o estereótipo, como acontece no sistema de coerência do senso comum, que, no geral, parece definir os mais pobres apenas em termos daquilo que não possuem (sem mencionar idealizações mais preconceituosas e estigmatizantes, que associam a imagem dessa parcela expressiva da população, principalmente daqueles que moram em favelas, à criminalidade, por exemplo).

Contudo, Sarti (2011) critica esse pensamento sociológico que nega referências positivas às classes menos favorecidas, pois embora sejam quase sempre representadas pela escassez, elas não são feitas só de ausências. Há, nesses grupos, valores fortemente emblemáticos e caracterizadores da lógica particular desses indivíduos, como a moral da família, do estudo e do trabalho (Oliveira, 2012; Sarti, 2011; Zaluar, 2000 [1985]), que está diretamente ligada ao sistema de crenças e valores das classes populares.

2. VIOLÊNCIA E FAVELA

A violência, assim como a pobreza, não é de fácil definição. Em essência, ela significa o emprego da força que, quando em excesso, ultrapassa os limites e regras tácitas, tornando-se violenta e maléfica (Zaluar, 1999). Entretanto, a violência pode se apresentar de várias formas, desde aquela que inflige dor e injúria física, conforme a sua definição mais básica, àquela moral ou simbólica (Zaluar 2003), cujo dano acontece na alma. Para Zaluar (1999) e Misse (2008), violência é, assim, um termo polifônico, tanto no que tange a sua significação como suas manifestações; porém, na prática, o que vai caracterizar um ato como violento ou não é a percepção daquele que a vive. Nesse contexto, Misse (2008, p. 8) explica que

As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor dos seus efeitos maléficos, seja em termos do sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta.

Dessa forma, enquanto determinada experiência pode ser classificada como violenta por um indivíduo, pode não o ser por outro, visto que suas crenças, valores e história de vida podem interferir na construção desses significados. Tal fenômeno far-se-á nítido nos dados desta pesquisa, uma vez que os participantes da primeira e da segunda entrevista narram, de formas bem diferentes, episódios de violência na favela.

Ainda nesse viés polifônico, Zaluar (1999) pontua a existência de diferentes formas de violência, como o não reconhecimento do outro, a negação da dignidade humana, a ausência de compaixão, entre outros. Porém, a estudiosa chama especial atenção para a concepção de violência estrutural, ligada diretamente a questões relacionadas à pobreza, como desigualdade social, segregação, preconceito e exclusão. Essa violência moral, conforme mencionado no início deste tópico, não atinge o corpo, mas deixa marcas talvez até mais profundas na constituição do indivíduo, ao ser discriminado ou receber tratamento diferente devido à localidade onde mora. Muitas vezes, esse tipo de violência é silencioso (Zaluar, 1999), derivado justamente das inequidades sociais e econômicas existentes em nossa sociedade.

Em se tratando do contexto específico desta pesquisa, outro tipo de violência que vale ser mencionada é a problemática do tráfico de drogas e das facções criminosas nas favelas no Rio de Janeiro. Embora a grande maioria dos moradores dessas localidades sejam trabalhadores honestos, é inegável o fato de que, com o passar do tempo, essas regiões foram sendo tomadas por criminosos associados ao mercado de drogas e ao crime organizado, o que impacta a vida da sociedade como um todo. Segundo Lessing (2008), há atualmente, nas favelas do Rio de Janeiro, um comércio de drogas altamente estruturado, como não é visto em nenhum outro estado brasileiro.

Porém, a maioria dessas facções promovem, de certa forma, melhorias na infraestrutura da comunidade, o que geralmente funciona como troca de favores, já que é esperado dos beneficiários que colaborem com os traficantes, no sentido de não passarem informações para a polícia ou até mesmo escondendo drogas e armamentos em suas residências, por exemplo. Dessa forma, conforme apontam Zaluar (2000 [1985]) e Sarti (2011), a própria definição de bandido se torna complexa e ambígua, já que ao mesmo tempo que impõem “relações tensas, com base no medo de quem se sabe ameaçado, no limite, por armas de fogo” (Sarti, 2011, p. 124-125), eles também atuam como “defensor[es] da inviolabilidade do território que ocupam” (Zaluar, 2000 [1985]), o que faz com que sejam categorizados, muitas vezes, de forma positiva pelos moradores. Tal fato pode ser, igualmente, observado no excerto 2, desta pesquisa.

3. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a compreensão e análise dos dados de pesquisa, foi utilizada uma tríade teórico-metodológica, conforme exposto na sequência.

3.1 Sistemas de coerência

Segundo a teoria de Linde (1993), a coerência discursiva é criada em caráter cooperativo na interação e representa uma espécie de obrigação social dos participantes, a fim de que se construam como membros competentes de suas culturas. Nesse sentido, coerência é aquilo que permite que os significados sejam coconstruídos e negociados nas práticas discursivas, funcionando como uma rede de conhecimentos, crenças e valores compartilhados que envolve os participantes, deixando-os em uma espécie de sintonia em relação ao que está sendo dito.

Segundo a estudiosa, a coerência passa por dois processos: um de demanda individual, na qual o indivíduo, a partir da sua subjetividade, atribui coerência ao que está sendo dito; e outro, ainda mais relevante, de demanda interpessoal, no qual a coerência é construída socialmente, em uma atividade colaborativa entre os participantes. Essa coerência social, criada e negociada na interação, está ligada diretamente à cultura, crenças e valores dos participantes. Então, caso os atores sociais não compartilhem dos mesmos sistemas de coerência, essa espécie de sintonia pode ser desfeita, colocando em jogo a construção de sentidos, pois o que é coerente para um, pode não o ser para outro.

Em relação aos diferentes sistemas de coerência, Linde (1993) os divide em senso comum, que representa um sistema de crenças e suposições que supostamente são compartilhados por todos os membros daquela cultura. Isto é, quando todos os participantes estão operando nesse sistema, a coerência é facilmente construída, já que as crenças nele presentes são evidentes e explícitas para todos. Porém, a estudiosa sublinha a existência de outros sistemas de coerência, os especializados, que dizem respeito à lógica de grupos específicos, pertencentes a determinadas áreas do conhecimento ou contextos mais restritos, como é o caso dos sujeitos deste estudo.

3.2 Performances identitárias

No que tange à concepção de identidade, alinhando-me, uma vez mais, aos estudos pós-modernos e socioconstrucionistas, que abordam essa temática dentro uma concepção antiessencialista (Bauman, 2005; Bucholtz; Hall, 2005; Fabrício; Bastos, 2009; Moita Lopes, 2002, 2003), na qual a identidade é entendida não como uma categoria fechada e fixa, em que as pessoas 'são', mas sim como algo fluído, que está sujeito a construções e reformulações a todo tempo. Tal concepção tem como foco de análise as práticas discursivas, por entender que a identidade é um produto direto dela e, especialmente, da linguagem, estando, portanto, ligada muito mais a questões sociais e culturais do que cognitivas ou psicológicas (Bucholtz; Hall, 2005).

A utilização das teorias relativas à identidade será essencial para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados, uma vez que os indivíduos, enquanto constroem suas identidades no discurso, vão, automaticamente, se alinhando a determinados valores, e é nesse processo que "as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no

mundo por intermédio da linguagem” (Moita Lopes, 2002, p. 30). Então, para entender melhor esse grupo de indivíduos e investigar a forma como compreendem e categorizam o mundo social que os cercam, faz-se indispensável analisar suas performances identitárias, que são local e socialmente situadas (Bucholtz; Hall, 2005).

Outro ponto relevante para esta pesquisa é a noção de identidade de grupo, uma espécie de “eu coletivo”. Isto é, além da construção de uma identidade social, de certa forma individualizada, os indivíduos, por vezes, reivindicam também identidades que remetem à noção de grupo. A esse fenômeno, Sarti (2011) chama de identidade étnica, que são as características, valores, crenças e ideologias que os indivíduos reclamam para si e para o grupo do qual fazem parte, demonstrando uma forte noção de pertencimento. Assim, a identidade é entendida, também, como um fenômeno relacional (Bucholtz; Hall, 2005; Fabrício; Bastos, 2009), uma vez que é construída em relação ao contexto social e situacional da interação e, fundamentalmente, em relação às similaridades e/ou diferenças que se estabelecem diante de outras identidades sociais, ou seja, em relação ao outro.

Em outras palavras, são as relações de similaridades que fazem os membros do grupo se reconhecerem como tal, no sentido de se alinharem aos mesmos valores e crenças, por exemplo, enquanto as diferenças promovem uma espécie de fronteira entre o nós e o eles, ao ressaltar as singularidades que os distinguem. Processo semelhante acontece no presente estudo, quando os participantes das entrevistas, por diversas vezes, reivindicam a identidade de legítimos moradores da favela ao invocarem características que eles julgam serem específicas desse grupo e, com isso, traçam uma nítida, porém não tão explícita, diferenciação entre eles, os “crias” da favela, e eu, a estrangeira.

Então, com base no exposto, assume-se que olhar para a construção e negociação situada das identidades é, também, uma forma de gerar inteligibilidades sobre o contexto macrossocial a partir de uma perspectiva êmica, pois “práticas discursivas, práticas identitárias e mundo social se encontram entrelaçados, em permanente relação de implicação mútua, já que constituem e são constituídos uns pelos outros” (Fabrício; Bastos, 2009, p. 40).

3.3 Análise da Narrativa

A narrativa pode ser entendida como “forma de organização básica da experiência humana” (Bastos, 2004), já que que “contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos” (Bastos; Biar, 2015). Independente do assunto da narrativa, ela sempre é uma forma de autoapresentação do narrador, ou seja, tudo que é dito (e como é dito) funciona para reivindicar identidade(s) (Mishler, 1986). Porém, na atividade de narrar, “não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca” (Bastos, 2005, p. 74). Assim, as histórias que contamos são tidas como espaço privilegiado para a produção de sentido (De Fina; Perrino, 201), através das quais é possível

estudar a vida social no geral (Bastos, 2004, 2005). Portanto, olhar para as histórias contadas, tanto em conversas cotidianas como em entrevistas, propicia acesso ao universo simbólico dos indivíduos, tanto no que tange à forma como significam a si próprios, como as outras pessoas e o mundo.

No que tange à estrutura da narrativa, este estudo tem como fio condutor o modelo laboviano, principalmente em termos de identificação do “esqueleto” da história. Para esse autor, a estrutura geral da narrativa, quando completa, é tipicamente composta das seguintes partes (Labov, 1972): resumo (orações que abrem a narrativa e sintetizam o seu conteúdo); orientação (contextualização da história); ação complicadora (sequência de eventos), avaliação (é a parte mais importante, pois é por meio dela que o narrador indica o ponto da narrativa, podendo ser externa – quando o fluxo narrativo é suspenso – ou encaixada – quando é feita ao longo da história, por pistas de contextualização, por exemplo); resultado (conclusão da série de eventos) e coda (estabelece uma ponte entre o tempo da narrativa e o tempo presente).

Apesar de termos como parâmetro para identificação e análise das narrativas desta pesquisa o modelo canônico laboviano exposto acima, consideramos igualmente relevantes as teorias de Bamberg e Georgakopoulou (2008), que defendem a importância de se olhar também para as narrativas menores, as *small stories*. Essas narrativas são assim chamadas em referência à sua extensão, pois são de fato mais curtas, e também à tendência pós-moderna das microanálises.

Contudo, chamamos a atenção para o fato de que não só a estrutura da narrativa e o evento narrado são relevantes para a sua análise, mas também (e talvez principalmente) o evento narrativo – o plano da interação –, que pode revelar questões essenciais sobre as histórias (Bamberg; Georgakopoulou, 2008). Portanto, a combinação do exame tanto dos eventos narrados como das sutilezas e nuances interacionais do evento narrativo viabiliza a compreensão dos sentidos que estão sendo coconstruídos e negociados por meio das narrativas, sentidos esses que podem apontar para questões que transcendem o aqui e o agora e que são fundamentais para a compreensão do mundo social.

4. METODOLOGIA

O presente estudo insere-se em uma abordagem sociointeracional do discurso e flerta com a Etnometodologia e a Etnografia. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativista que, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), constitui-se em uma atividade situada, que busca “entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”. Isto é, visa a compreender o mundo social a partir da perspectiva dos próprios atores sociais.

Os dados que compõem o *corpus* de análise deste trabalho foram gerados a partir de entrevista de pesquisa, que se constitui em importante ferramenta da pesquisa interpretativista,

principalmente no que tange ao estudo da narrativa, posto que “a análise de como e o que as pessoas narram em entrevistas de pesquisa remete a estruturas socioculturais mais amplas, ao universo social no qual transitam os interactantes” (Bastos; Santos, 2013).

4.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada com sete adolescentes, com idade entre 15 e 18 anos. Além de moradores de favelas da Ilha do Governador, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, os jovens têm em comum o fato de serem atendidos pelo Programa Forças no Esporte – Profesp, que se trata de um programa social desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com o Ministério da Cidadania, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e o Ministério da Educação, tendo como público-alvo crianças e adolescentes com idade entre 6 e 18 anos, em situação de vulnerabilidade social.

4.2 As entrevistas

As narrativas analisadas foram geradas a partir de duas entrevistas semiestruturadas, conduzidas em grupos: a primeira composta por três rapazes e a segunda por quatro jovens (três meninas e um menino). Os encontros aconteceram na biblioteca da Organização Militar onde os jovens são atendidos pelo Profesp, que também era o meu local de trabalho à época.

Nas entrevistas, busquei abordar tópicos mais voltados para a educação, família e aspirações para o futuro; contudo, conforme costuma acontecer em entrevistas semiestruturadas, a conversa acabou seguindo seu próprio rumo, levando-nos a conversar, principalmente, sobre o assunto favela, trazendo a reboque o tema violência.

Por ter sido conduzida com seres humanos, a presente pesquisa foi submetida à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 031/2020, tendo obtido o parecer favorável para a sua realização, conforme o protocolo 60/2020. Vale ressaltar que todos os participantes, bem como seus responsáveis, concordaram com a pesquisa por meio de assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e do Consentimento Livre e Esclarecido, respectivamente. Além disso, seus nomes, bem como os nomes das comunidades onde moram, foram substituídos ao longo do trabalho por outros, fictícios, para que suas identidades sejam preservadas.

4.3 Procedimentos de análise dos dados – segmentação e transcrição

Os excertos selecionados foram transcritos com base em adaptações e simplificações das convenções utilizadas na Análise da Conversa e na Sociolinguística Interacional, conforme proposto por Garcez, Bulla e Loder (2014). Nas transcrições, procurei capturar o máximo de aspectos

paralinguísticos possíveis, como entonação, volume, ritmo, pausas, inflexões, risadas e demais pistas de contextualização (Gumperz, 2013 [1982]) que pudessem ser relevantes para a análise.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Para os fins deste estudo, foram selecionadas duas narrativas: uma proveniente da entrevista 1 e outra da entrevista 2. A análise terá início a partir da identificação da estrutura básica da narrativa, com base no modelo laboviano. Identificadas as principais partes, olharei, especialmente por meio das avaliações e das pistas de contextualização emitidas na interação, para o que as histórias narradas apontam com relação ao universo simbólico dos indivíduos, especialmente no que tange ao tópico violência na favela.

5.1 Entrevista 1 – Bernardo, Augusto e Peter

A entrevista teve início com uma breve apresentação dos participantes. Pedi a eles que me dissessem nome, idade, local onde moram e onde estudam. Em seguida, falamos um pouco sobre escola e educação e depois perguntei-lhes como haviam sido suas infâncias. Ao direcionar a pergunta para o participante Augusto, desenrolou-se o trecho a seguir, aos 12 minutos e 10 segundos da entrevista.

Excerto 1 - “ei gente, é tiro, hhh, daqui a pouco passa” hhhh (12:10 – 13:33)

01	Paula	Augusto, o que que você LEMbra aí assim? o que que
02		você...
03	Augusto	minha infância era muito <u>boa</u> , fio. a gente
04		brincava, não subia↑ não queria saber de nada.
05	Bernardo	hh até quatro da manhã na rua jogando bola, não
06		tem essa de tiro, de polícia, IXI↑ só vai↑
07	Paula	mas por que, <u>hoje</u> tem?
08	Bernardo	↑AH [tem
09	Augusto	[muito. seis horas da manhã quando fui sair
10		pro profesp na↑ semana passada tava tendo tiro,
11		fio
12	Paula	é? lá no Parque Re[al?
13	Augusto	[e acordei com- acordei com som
14		de tiro
15	Bernardo	eu fui buscar=
16	Peter	=despertador natural hhh
17	Bernardo	eu fui buscar minha saudosa menina na faculdade e
18		a gente hh ficou vendo o tiroteio hhhhhh
19	Paula	caramba
20	Bernardo	a gente dentro do ônibus- do ônibus não, da van.
21		aí do nada eu ouvi um pipoco, só que eu, a gente
22		costuma usar é... a linguagem popular pra... cria
23		ou rataria (.)
24	Paula	hum
25	Bernardo	né, que quer dizer que a gente tipo é criado em
26		favela, morro, então tipo não tem (.) [tanto

27	Augusto	[a gente é
28		cria[do
29	Bernardo	[exatamente
30	Augusto	então a gente chama de cria
31	Bernardo	é
32	Paula	hum
33	Bernardo	aí tipo a gente não tem <u>tanta</u> preocupação assim,
34		entendeu?
35	Paula	entendi
36	Bernardo	por causa do costume. (.) aí eu fiquei lá tipo
37		"caraca, é tiro" hhhh e tô vendo as pessoas
38		desesperadas "ei gente, é tiro, hhh, daqui a pouco
39		passa" hhhh
40	Peter	daqui a pouco passa uma bala pegar no vidro
41		"eita!" hhh
42	Bernardo	hhhhh
43	Peter	é normal hhhhh
44	Bernardo	hhhhh
45	Peter	lá em casa tem que trocar o vidro todo mês
46	Bernardo	HHHHHHH pior que é hhh
47	Peter	Mas é
48	Bernardo	hhhhh, a casa da minha avó ela já trocou hh umas
49		cinco, mané
50	Paula	↑caramba, SÉRio gente?
51	Augusto	sério

Ao ser perguntado sobre sua infância, Augusto diz que era muito boa, ao que Bernardo complementa: até quatro da manhã na rua jogando bola, não tem essa de tiro, de polícia (linhas 05-06). Tal comentário deixa implícito que hoje em dia a situação está diferente no local onde moram, que aparenta não ser mais tão tranquilo quanto costumava ser quando eram crianças. Essa observação levou-me a fazer uma pergunta de confirmação (linha 07), que acabou servindo de gatilho para as duas pequenas histórias que se seguiram, ambas relacionadas ao local onde moram.

A primeira narrativa, uma *small story* (Bamberg; Georgakopoulou, 2008), é introduzida por Augusto na linha 09 que, de acordo com o modelo laboviano, contaria apenas com uma breve orientação - seis horas da manhã quando fui sair pro profesp na↑ semana passada -, seguida da ação complicadora, que se constitui em dois eventos: começou um tiroteio e ele acordou em decorrência do barulho dos tiros (linhas 10-11, 13-14). Ao olharmos unicamente para o evento narrado, poderíamos facilmente inferir que se trata de uma experiência negativa ou até traumática, devido ao seu caráter violento. Entretanto, ao olharmos para o evento narrativo (o plano interacional), nota-se que a história é enquadrada por Peter (linha 16) como algo engraçado, ao passo que ele faz um comentário sarcástico sobre o evento (=despertador natural hhh), que vem acompanhado de risadas.

Bernardo parece concordar com a avaliação de Peter ao se alinhar a ele por meio da inserção de uma outra narrativa, que começa, igualmente, com o enquadre de "algo engraçado". Garcez (2001), baseando-se na obra de Sacks (1992 *apud* Garcez, 2001), chama a atenção para o importante papel que segundas histórias têm na interação, pois são consideradas uma maneira de

ratificar a relevância da história anterior. Além disso, nesse caso específico, a introdução de uma segunda história sobre o mesmo tema (tiroteio) parece ter o intuito subjetivo de reivindicar uma identidade coletiva, de mostrar que ambos compartilham do mesmo sistema de coerência e que, portanto, compreendem um ao outro.

Em relação a essa segunda narrativa, um pouco mais complexa que a primeira, nota-se que Bernardo tenta negociar um turno maior para narrar sua experiência (linha 15), mas é interrompido pelo comentário de Peter (linha 16). No entanto, essa interrupção não parece ter sido interpretada pelos participantes como algo rude; pelo contrário, nota-se que eles estão engajados na coprodução de sentidos, o que indica um alto envolvimento dos participantes com o assunto em pauta. Na linha 17, Bernardo pega o turno novamente e consegue dar prosseguimento à sua narrativa. Ele começa fazendo um resumo do que será a história: *eu fui buscar minha saudosa menina na faculdade e a gente hh ficou vendo o tiroteio hhhhhh* (linhas 17-18). Já no resumo, é possível ver, por meio das avaliações encaixadas de Bernardo (prosódia e risadas), que ele entende a experiência que está prestes a narrar como algo divertido e engraçado. Em seguida, ele orienta os demais participantes com relação ao local onde a história se passa, a van, e introduz a primeira oração narrativa, constitutiva da ação complicadora: *aí do nada eu ouvi um pipoco*, (linha 21).

Porém, em vez de dar prosseguimento à narrativa, o participante decide suspender o fluxo da história para oferecer uma explicação de pano de fundo. Então, ao abrir esse parêntese, Bernardo identifica-se como *cria/rataria*, que quer dizer que a gente tipo é criado em favela, morro, (linhas 25-26). Ao fazê-lo, o adolescente reivindica para si e para os demais participantes, já que usa o pronome *a gente*, a identidade de um legítimo morador de comunidade, alguém que por ter sido criado na favela tem uma espécie de autoridade para falar sobre o assunto, demonstrando, também, bastante senso de pertencimento e afiliação ao local e ao grupo dos quais faz parte. Além disso, Bernardo parece usar seu comentário para justificar a falta de preocupação com o tiroteio, conforme linhas 33 e 34, já que por ser “rataria”, parece estar acostumado a vivenciar esse tipo de experiência.

Já na linha 36, Bernardo retoma a narrativa, dizendo: *aí eu fiquei lá tipo “caraca, é tiro” hhhh e tô vendo as pessoas desesperadas “ei gente, é tiro, hhh, daqui a pouco passa” hhhh*. Com base nesse trecho, nota-se que a sequência de eventos de sua experiência foi: estava na van com sua namorada, ouviu barulho de tiros, observou que as pessoas presentes ficaram assustadas e alertou-as de que não havia o que temer, pois o tiroteio não demoraria a acabar. Embora ele não use todos os verbos de forma explícita no pretérito perfeito, é possível notar que há junção temporal em sua história e, portanto, mesmo que não seja uma narrativa canônica nos moldes laboviano, é uma narrativa. No que tange à forma como Bernardo avalia a experiência, pelo conteúdo de suas próprias falas reportadas e pelas pistas de contextualização do plano interacional, percebe-se, mais uma vez, que ele enquadra os acontecimentos como algo engraçado e corriqueiro. Isso também fica claro nos comentários que se

seguem à narrativa e que complementam e se alinham a sua avaliação, pois todos são repletos de risadas, apesar de retratarem situações que dentro do sistema de coerência do senso comum são entendidas como sérias. Merece atenção, também, o meu comentário: †caramba, SÉRio gente? (linha 50), no qual fica nítido o meu espanto com os eventos narrados por eles. Esse sentimento, marcado principalmente pela interjeição *caramba* e pela entonação da minha fala, aponta para os diferentes sistemas de coerência sob os quais operamos. Enquanto para eles tiros e janelas quebradas por balas perdidas (linhas 40-49) são normais e engraçados, para mim, mais alinhada ao senso comum, é algo que parece causar certa perplexidade.

O ponto da narrativa parece ser mostrar que a comunidade, a qual era tranquila na época de suas infâncias, foi tornando-se violenta com o passar do tempo, mas que, apesar disso, eles – crias do morro – não sentem medo por já terem se habituado. Contudo, o que mais chama a atenção nesse excerto é o fato de classificarem, tanto implícita (conforme as inúmeras pistas de contextualização ao longo da narrativa) quanto explicitamente (conforme linha 43), esses episódios como normais. Por meio dessas duas narrativas breves, eles parecem, então, normalizar e naturalizar a violência, o que chama a atenção para questões mais amplas, relacionadas ao contexto macrossocial no qual estão inseridos, indo além do plano narrado ou narrativo.

A entrevista, que teve a duração de 48 minutos, continuou depois disso com o surgimento de várias outras narrativas, sobre esse e outros assuntos. Porém, devido às limitações e escopo deste estudo, me limitarei a análise apenas desse excerto.

5.2 Entrevista 2 – Daniele, Ricardo e Tatiane

Iniciamos a entrevista 2 discutindo, também, sobre aspectos relacionados à vida cotidiana deles. Vários assuntos foram conversados, até que começam a falar sobre a influência do tráfico de drogas nas regiões onde moram, o que fez emergir uma sequência de narrativas sobre experiências violentas vivenciadas pelos participantes. Dentre elas, selecionei a que vem a seguir, devido a relevantes aspectos observados tanto em seu nível micro como macro.

Excerto 2 - “minha avó até explicar que ele não era bandido, que ele não era nada, ele ti- já tinha apanhado muito” (36:40 – 37:47)

01	Daniele	uma vez meu irmão tinha:: (.) meu irmão tinha uns
02		treze anos >agora tem dezenove< aí tipo ele foi
03		>com a mi- ele foi< comprar pão (.) na hora que a
04		polícia tipo entrou né, e aí (.) ele tinha medo
05		d- ele tem ainda °fobia de polícia, tem muito
06		medo muito medo° >a polícia aponta ele já sai
07		correndo< aí el- >antigamente ele criança né<, aí
08		a polícia apontou ele saiu correndo com o saco de
09		pão na mão e o dinheiro, aí ele entrou d- dentro
10		de casa, aí as polícias viu, aí quando entrou lá
11		

12		dentro de casa a polícia entrou e bateu muito nele eu tava na hora eu vi, aí comecei a chor[ar
13	Tatiane	[ele
14		tinha quantos an[os?
15	Daniele	[minha av- meu irmão tinha treze
16		anos
17	Tatiane	°que isso gente°
18	Daniele	ele tem uma marca ele >[tem uma marca aqui até
19		hoje aqui ó<
20	Ricardo	[porque també::m a maioria
21		dos bandidos dá mai:s medo que:: NÃO, a maioria
22		da: da polícia dá mais medo que os bandidos
23	Paula	tem mais medo de: [polícia do que dos bandidos
24	Daniele	[ele tem uma marca aqu- até
25		aqu- no pescoço até ho[je assim
26	Paula	[disso?
27	Tatiane	até [porque a gente convive
28	Daniele	[porque eles bateram com aquele ferro assim,
29		aí bateram muito no meu irmão >[meu irmão foi
30		desmaiado pro hospital<
31	Ricardo	[pé de cabra?
32	Daniele	é↓
33	Tatiane	até porque a gente convive né, aí tipo assim, a
34		gente é acostumada co[m a comunidade
35	Daniele	[deram coronhada na cabeça
36		dele, aí: minha avó até explicar que ele não era
37		bandido, que ele não era nada, ele ti- já tinha
38		apanhado muito. até hoje=
39	Paula	=por isso ele tem fobia, né?

Nesse excerto, a narrativa tem seu início já na linha 01, com uma expressão que tipicamente marca o início de histórias, *uma vez*, informando para os ouvintes que um turno maior de fala, cujo enquadre é de narrativa, está para começar. Em seguida, tem-se a orientação, na qual Daniele nos situa sobre quando a história aconteceu: meu irmão tinha:: (.) meu irmão tinha uns treze anos >agora tem dezenove< (linhas 01-02). Logo após, a narradora introduz a primeira oração narrativa: ele foi >com a mi- ele foi< comprar pão (.) na hora que a polícia tipo entrou né, (linhas 02-04). Porém, quando ela ia introduzir a segunda oração da ação complicadora, por meio do marcador e aí (.) (linha 04), resolve suspender o fluxo narrativo para introduzir avaliações externas, ao dizer como seu irmão se sentia e continua se sentindo em relação à polícia: ele tinha medo d- ele tem ainda °fobia de polícia, tem muito medo muito medo° >a polícia aponta ele já sai correndo< (linhas 04-07). Nesse trecho avaliativo, nota-se o uso repetido do advérbio de intensidade *muito* e da palavra *fobia*, que enfatizam e potencializam o sentimento de medo atribuído ao seu irmão e que claramente conferem caráter negativo à experiência que está sendo narrada.

Em seguida, na linha 07, depois de reforçar que naquela época ele era criança, o que parece funcionar, em seu ponto de vista, como justificativa para a atitude do seu irmão de sair correndo, Daniele retoma o fluxo narrativo, introduzindo as demais orações da ação complicadora:

aí a polícia apontou ele saiu correndo com o saco de pão na mão e o dinheiro, aí ele entrou dentro de casa, aí as polícias viu, aí quando entrou lá dentro de casa a polícia entrou e bateu muito nele (linhas 07-12). Com base nessa sequência de eventos, percebemos que o núcleo da história, sua ação complicadora, é composto das seguintes ações: seu irmão, por ter medo da polícia e ser ainda imaturo, quando a viu, saiu correndo; a polícia correu atrás dele, mas mesmo sem um motivo concreto, bateu muito nele (elemento de avaliação encaixada), ao que Daniele complementa: eu tava na hora eu vi, aí comecei a chor[ar (linha 12). Este último enunciado funciona também como uma avaliação da ação complicadora, pois ao dizer que chorou muito vendo a cena, a adolescente parece mostrar que entendeu aquela experiência como dolorosa, o que aponta para a forma como ela significou o ocorrido.

A narradora não parece ser a única a avaliar os eventos narrados negativamente. Depois de perguntar a idade do personagem principal da história, Tatiane parece alinhar-se à avaliação feita por Daniele por meio do comentário "que isso gente" (linha 17), que demonstra espanto e repreensão em relação ao que estava sendo narrado. Ou seja, assim como Daniele, Tatiane parece julgar a ação da polícia como exagerada e infundada, causadora de dor e sofrimento desnecessários. Após um enunciado de Daniele (linhas 18-19), que se assemelha a uma coda por nos trazer de volta ao tempo presente por meio do marcador *hoje*, ele tem uma marca ele >[tem uma marca aqui até hoje aqui ó<, Ricardo também se alinha aos significados que estão sendo coconstruídos e atribuídos à polícia, ao dizer que a maioria da: da polícia dá mais medo que os bandidos (linhas 21-22). Percebe-se, assim, que a polícia é claramente significada por eles de forma negativa, associada ao medo e à violência.

Sobre esse entendimento, de que eles se sentem mais confortáveis na presença de bandidos do que da polícia, Tatiane diz, nas linhas 27 e 33-34, que isso acontece porque eles convivem com bandidos, já estando, portanto, acostumados. É possível interpretar tais enunciados como uma espécie de justificativa para o fato de eles preferirem os bandidos à polícia, o que se torna explícito, principalmente, pelo marcador *porque* (linhas 27 e 33), comumente utilizado para introduzir explicações. Ou seja, dentro do sistema de coerência do senso comum, mesmo que a polícia seja, muitas vezes, avaliada também de forma negativa, é esperada uma preterição dos bandidos em relação a ela. Então, talvez Tatiane tenha sentido a necessidade de justificar o porquê de eles terem mais medo da polícia que dos bandidos por perceberem que estavam contrariando a expectativa do senso comum.

Voltando à análise mais estrutural da narrativa, percebe-se que Daniele retoma a ação complicadora nas linhas 28-31, [porque eles bateram com aquele ferro assim, aí bateram muito no meu irmão >[meu irmão foi desmaiado pro hospital<, mesmo depois de aparentemente já tê-la terminado. Tal fato parece ter sido em decorrência da ativa contribuição dos demais participantes na história, o que talvez a tenha estimulado a continuar sua narrativa, levando-a a inserir mais detalhes. Na linha 35, ela acrescenta mais uma oração narrativa: [deram coronhada

na cabeça dele, seguida do que parece ser o resultado da série de eventos, aí: minha avó até explicar que ele não era bandido, que ele não era nada, ele já tinha apanhado muito. (linhas 36-38), finalizando com uma coda coconstruída por ela e por mim, nas linhas 38 e 39: até hoje= / =por isso ele tem fobia, né?, que retoma o tempo presente com o verbo *tem*, concluindo a história.

O ponto da narrativa, em última análise, parece ser, então, de que a polícia é covarde e é por isso que se deve ter mais medo dela do que dos bandidos, opinião que foi construída e negociada de forma coparticipativa entre a narradora e os demais participantes.

Depois dessa narrativa, quatro outras histórias sobre a mesma temática ainda surgiram na sequência, todas elas carregadas de eventos violentos, como abuso policial e jovens inocentes assassinados. Embora tais histórias sejam de grande relevância e repletas de significados, não irei abordá-las aqui devido às limitações de espaço e recorte analítico deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivou-se entender e analisar, por meio do discurso narrativo, a coconstrução e negociação de significados pelos adolescentes participantes da pesquisa em relação às identidades sociais, crenças e valores do grupo, especialmente no que tange à violência no contexto onde vivem: a favela.

Então, ao escrutinar os dois excertos narrativos que compuseram o corpus de análise desta pesquisa, foi possível observar que as representações que fizeram das comunidades onde moram foram carregadas de significados, deixando transparecer a forma como eles se veem no mundo, seus valores e como entendem e categorizam a vida social que os cerca. Contudo, foi possível notar, também, que esses significados são repletos de ambiguidades e conflitos, principalmente no que tange à violência, pois enquanto para o grupo 1 esse fenômeno aparenta ser algo que, de tão comum, é até motivo de piada, para o grupo 2 é fonte de grande medo e angústia.

No excerto 1, há uma nítida naturalização da violência, o que é observado por meio das pistas de contextualização do evento narrativo, como as risadas, as piadas e a forma jocosa com que a narrativa sobre tiroteio foi contada. Uma das interpretações possíveis para essa naturalização da violência, segundo Velho (2004), é o fato de esse fenômeno social estar cada vez mais presente em nossas rotinas, o que, de certa forma, apaga o seu caráter extraordinário (Bruner, 1990).

Porém, é possível, ainda, interpretar que as histórias foram contadas dessa maneira em uma tentativa dos participantes de se projetarem sob uma luz favorável na conversa (Goffman, [1959] 2020). Levando em consideração a assimetria do encontro, no sentido de que não compartilhamos da mesma idade, gênero ou classe social, é possível que eles estivessem buscando uma desassociação da imagem de vulnerabilidade e fragilidade, a fim de se construírem de forma positiva na interação.

Já no excerto 2, a violência na favela, que nessa passagem é personificada pela figura policial, recebeu um enquadre bem diferente, sendo avaliada como causadora de dor e sofrimento. Além dessa narrativa, várias outras, que não estiveram sob escrutínio neste trabalho devido às limitações de espaço, foram contadas na entrevista, conforme mencionado na análise do excerto 2, e todas atribuem esse mesmo significado negativo à violência. Em outras palavras, em nenhuma delas é notada qualquer pista de contextualização que dite um enquadre engraçado ou alegre às mais variadas formas de violência que se manifestam na favela.

No que tange à construção identitária e sistemas de coerências dos sujeitos de pesquisa, vale destacar que em ambos os excertos é possível notar a distinção que os participantes fazem entre “nós”, os crias da favela, que já estamos habituados à violência, e “vocês”, que pertencem a outro contexto, e talvez não entendam bem a nossa realidade. Ou seja, percebe-se, então, que eles se entendem como um grupo à parte da sociedade, de certa forma desassociados do senso comum.

Portanto, levando em consideração que o micro contém o macro, no sentido de que as situações sociais são ancoradas no mundo social ao redor (Goffman, 1986), ao analisar as histórias desses sete adolescentes, é possível ter uma noção bem aproximada das vulnerabilidades que atingem esse grupo da população e de como eles entendem essas questões. Embora a violência não seja novidade para ninguém, analisar esses fenômenos sob a perspectiva do próprio nativo tem um significado muito mais forte e completo.

Então, ao findar desta pesquisa, espero colaborar para a geração de novas inteligibilidades sobre o contexto social deste grupo, bem como incentivar o desenvolvimento de mais políticas que, assim como o Profesp, busquem a promoção de uma vida mais plena, digna e segura para esses jovens. Por fim, deixo o caminho aberto para que mais pesquisas sobre essa temática sejam realizadas, principalmente no que tange à ordem moral e ao sistema de crenças e valores desses grupos.

REFERÊNCIAS

- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.
- BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, v. 31, p. 97-126, 2015.
- BASTOS, L. C.; SANTOS, W. Introdução: Entrevista, narrativa e pesquisa. *In*: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2005.

- BRUNER, J. **Acts of meaning**: Four Lectures on Mind and Culture. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- BUCHOLTZ, M; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse studies**, v. 7, 4–5, p. 585-614, 2005.
- DE FINA, A.; PERRINO, S. Introduction: Interviews vs. 'natural' contexts: A false dilemma. **Language in Society**, v. 40, p. 1–11, 2011.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- FABRÍCIO, B. F.; BASTOS, L. C. Identidade de grupo: a memória como garantia do nós face ao outro. *In*: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (org.). **Discursos sócio-culturais em interação: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 39-66.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescobertas em curso. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.
- GARCEZ, W. M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. *In*: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (org.) **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.
- GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA**, v. 30, n. 2, p.257-288, 2014.
- GOFFMAN, E. **Frame Analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Harper & Row, 1986.
- GOFFMAN, E. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**. 6. reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020 [1959].
- GUMPERZ, J. Convenções de Contextualização. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.) **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo, Edições Loyola, 2002. p. 149-182
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-392.
- LESSING, B. As facções cariocas em perspectiva comparativa. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 80, mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2020.
- LINDE, C. **Life stories**: the creation of coherence. New York: Oxford University Press, 1993.
- MISHLER, E. The analysis of interview-narratives. *In*: Sarbin (org.) **Narrative Psychology: The storied nature of human conduct**. New York: Praeger, 1986.
- MISSE, M. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, 2008.
- MOITA LOPES, L.P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, L.P. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. A experiência identitária na lógica dos fluxos: uma lente para se entender a vida social. *In*: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (org.) **Para além da identidade**: fluxos, movimentos e trânsito. Belo Horizonte, UFMG, 2010. p.09-22.

OLIVEIRA, T. **Educação e ascensão social**: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense. Tese de doutorado. Letras, PPGL, PUC-Rio. 2012.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006. p. 109-128

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2011.

VELHO, G. **A questão social do novo milênio**: violência e conflito nas grandes cidades contemporâneas, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel6/GilbertoVelho.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000 [1985].

ZALUAR, A. M. **O contexto social e institucional da violência**, 2003. Disponível em: http://www.ims.uerj.br/nupevi/artigos_periodicos.html?keepThis=true&TB_iframe=true&height=500&width=900. Acesso em: 21 ago. 2020.

ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da democratização. **São Paulo em perspectiva**, v. 13, n. 3, 1999.

ANEXOS

Quadro adaptado de convenções Jefferson de transcrição, conforme proposto por Garcez, Bulla e Loder (2014).

(.)	Micropausa
=	Fala colada
Palav-	Marca de corte abrupto
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
>palavra<	Fala acelerada
<palavra>	Fala desacelerada
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
()	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
hhhh	Riso expirado

O/A(S) AUTOR(ES/AS)

Paula Fernandes Teixeira

Formada em Letras (Inglês/Português) pela Fundação Educacional da Região dos Lago; Especialista em Língua Inglesa e Mestre em Letras/Estudos da Linguagem, ambas pela PUC-Rio (Departamento de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). Pesquisadora na área de Análise de Narrativas e Interação Social, afiliada ao grupo de pesquisa NAVIS, PUC-Rio. E-mail: paulaf.teixeira@yahoo.com